



A MATERIALIDADE DA LÍNGUA NACIONAL THE MATERIALITY OF THE NATIONAL LANGUAGE

Élcio Aloisio Fragoso

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: elciofragoso@unir.br

RESUMO

Este artigo, que faz parte de um trabalho mais amplo que desenvolvemos acerca da relação entre língua (escrita) e literatura (escritura) no século XIX, inscreve-se na perspectiva teórica da análise de discurso materialista e na metodologia da história das ideias linguísticas. Por esta via de reflexão, buscamos analisar, através de recortes da 1ª edição de *Iracema* (incluindo aí o prólogo, notas e uma carta ao final do livro), de José de Alencar, o sentido instituído (legitimado) para a língua nacional, política linguística que vai significar a língua portuguesa no Brasil, no século XIX. A discursividade literária romântica vai evidenciar essa língua como simples, natural e espontânea, funcionamento ideológico do estilo que naturalizava o sentido expressivo da língua nacional. Entretanto, vimos que esse expressivismo era histórico e ideologicamente determinado. Ele explicitava o processo discursivo que se realizava sob a base da língua portuguesa, ou seja, ele dava visibilidade ao batimento entre a memória e a atualidade. Enfim, esse expressivismo, de nosso ponto de vista, dava forma ao linguístico-histórico (o discursivo), que era significado como poético, efeito de sentido dominante estabelecido na relação contraditória com outras formações discursivas.

Palavras-chave: *Iracema*. Discursividade Literária. Língua Nacional. Materialidade Significante.

ABSTRACT

This article, which is part of a broader work that we developed on the relationship between language (writing) and literature (writing) in the nineteenth century, is based in theoretical perspective of the analysis of materialist discourse and methodology of the history of the linguistic ideas. Through this line of reflection, we seek to analyze, through the first edition of *Iracema* (including the prologue, notes and a letter at the end of the book), by José de Alencar, the sense instituted (legitimized) for the national language, linguistic policy of the State that will mean the Portuguese language in Brazil in the nineteenth century. The romantic literary discursivity will show this language as

simple, natural and spontaneous, ideological functioning of the style that naturalized the expressive sense of the national language. However, we have seen that this expressivism was historically and ideologically determined. He explained the discursive process that took place under the Portuguese language, that is, it gave visibility to the beat between the memory and the actuality. In short, this expressivism, from our point of view, gave form to the linguistic-historical (the discursive), which was meant as poetic, the dominant sense effect established in the contradictory relation with other discursive formations.

keywords: Iracema. Literary Discursivity. National Language. Significant Materiality.

INTRODUÇÃO

Começaremos este texto dizendo que o *corpus* (e o modo de sua constituição) em análise de discurso é entendido diferente do modo como as outras disciplinas da linguagem o compreendem.

Iracema: lenda do Ceará, título originalmente do livro publicado em 1865, por José de Alencar, é o objeto de estudo deste trabalho, entretanto a constituição de nosso *corpus* obedeceu a critérios teóricos e não empíricos, o que significa dizer que nossas perguntas já eram formuladas no interior de um dispositivo teórico que determinou as análises que realizamos. Não buscamos a exaustividade em relação ao nosso material de análise, mas sim em relação aos objetivos e à temática de nossa pesquisa. Desse modo, a construção do *corpus* e a da análise vão juntas, simultâneas (ORLANDI, 1998, p. 15).

A materialidade significativa do discurso de Iracema produzia o efeito de sentido da língua nacional. Este efeito de sentido era o funcionamento da ideologia na língua, materializada por este discurso. A poesia trabalhava o efeito de sentido de uma língua nacional. A poesia não era um recurso estilístico, nem um meio de expressão natural do pensamento/sentimento, mas a materialidade significativa da língua nacional, o funcionamento ideológico dessa língua. É este funcionamento que iremos descrever/interpretar no presente trabalho, ao analisar recortes do prólogo (da 1ª edição), do texto de Iracema, de notas e de uma carta escrita por Alencar (ao Dr. Jaguaribe), ao final do livro.

Igarapé, v. 11, n. 2, 2018, p. 50-72

Feitas essas colocações introdutórias (e sem perdê-las de vista) acerca de nosso objeto de estudo, a seguir, buscaremos compreendê-lo e desenvolvê-lo, a partir da análise de nossos recortes.

Dispositivo teórico-analítico: constituição e análise do *corpus*

Havia uma formulação própria da língua que tinha a ver com o modo como o autor romântico se posicionava em relação à organização de seu discurso para se tornar autor da língua nacional, responsável por ela, conforme veremos com nossa análise dos recortes acima mencionados. Estar na posição de literato era assumir a autoria da língua nacional, produzir um discurso sobre ela, um conhecimento literário (saber literário) sobre esta língua.

A materialidade do sentido no discurso de Iracema era o efeito de uma língua ingênua, livre, simples, que a poesia explicitava como sendo a expressão natural dos indígenas. Como se vê, José de Alencar, da posição-sujeito que ocupava, interpretava a língua nacional a partir de um certo imaginário de que tanto os indígenas como suas línguas eram vistos como naturais, rudes, grosseiros, isto é, não eram “civilizados”. Esse imaginário já jogava no discurso que este sujeito, individuado como autor pelo Estado por meio da instituição literária, produzia acerca da língua nacional. Era este o efeito de sentido de língua nacional que se materializava no discurso de Iracema.

Já em relação à língua nacional, pensada na sua articulação com o estilo romântico, o discurso de Iracema a individualizava por meio de um trabalho com a língua que, de acordo com a nossa perspectiva teórica, não era realizado intencionalmente, mas antes se tratava da materialidade do gesto de interpretação do autor desse discurso. A noção de estilo, então, é o efeito de sentido materializado com este discurso de Iracema. A individualidade da língua nacional materializava-se com este trabalho (gesto de interpretação) com a língua que significava o efeito de sentido de nossa língua própria.

Em Iracema, a materialidade da língua nacional, interpretação metafórica (transferência de sentidos) que expunha a língua portuguesa à falha, ao equívoco, ao impossível, constituía o efeito de uma língua nacional. A metáfora aqui era o que

materializava esse efeito de transferência e de deslocamento de sentidos, ao trabalhar com a materialidade própria desta língua. A linguagem metafórica de Iracema não era simplesmente uma figura de linguagem (estilística), mas era a inscrição da história na língua e do sujeito nacional no discurso romântico. A metáfora jogava com os sentidos nacionais realçando a naturalidade como a marca de nascença do brasileiro e de sua língua. Desse modo, a metáfora produzia esses efeitos de sentido que significavam a transferência de sentidos para a língua nacional.

A escritura romântica brasileira, aqui no nosso caso, a escritura de Iracema, constituiu-se em uma interpretação, filiada ao nacionalismo, da língua nacional. Essa escritura, em nosso entender, deve ser pensada articuladamente à autoria, posição ocupada pelo sujeito¹, histórica e ideologicamente determinada. É a materialidade deste gesto de interpretação (de autoria da língua nacional), pois a materialidade do sentido e a sua direção não é indiferente a este gesto de interpretação, que será analisada aqui, neste artigo.

Ao buscar uma referência para a língua nacional, o discurso romântico (processo discursivo), tal como se encontrava formulado em Iracema (de José de Alencar), por meio de uma memória colonialista-nacionalista, tinha a língua portuguesa escrita como base para a sua realização. Enquanto que a poesia, da forma como a entendemos na análise de discurso e particularmente falando em relação ao nosso objeto de estudo específico neste trabalho, era o acontecimento significante da língua nacional. A materialidade significante da poesia, em Iracema, vai significar essa língua nacional, construída sob a evidência do estilo romântico (literário), em que se articulava a espontaneidade da fala dos indígenas a uma base escrita da língua portuguesa. Era nisso que consistia o “verdadeiro estilo de uma nacionalidade da literatura”, nos termos de Alencar (1865, p. 81).

Ele se constituiu sob a evidência de um vínculo entre uma identidade natural e a língua nacional, vínculo este que, como veremos, com a análise da materialidade discursiva de Iracema, aparecia como sendo inerente, idêntico entre ambas.

¹ Tem uma forma-sujeito que é histórica e que resulta da interpelação do indivíduo em sujeito pelo simbólico e pela ideologia.

Entretanto, o que vai nos interessar descrever/interpretar neste trabalho não é o que este discurso (de Iracema) diz, mas sim o gesto de interpretação, que é ideológico, realizado pelo autor romântico, individuado pela instituição literária romântica (em relação à construção do Estado brasileiro), como autor da língua nacional, ao produzir o seu discurso. Portanto, não se tratava de compreender a literatura romântica neste estudo como um discurso da identidade de nossa língua, mas antes de observar como a identidade dessa língua era construída, histórica e ideologicamente, por este discurso.

Em Iracema, de José de Alencar, podemos já ler, em seu prólogo da 1ª edição, que a obra se constitui como sendo “brasileira”, produzindo, assim, o efeito do nascimento de uma literatura brasileira (nacional), isto é, uma literatura dessa terra e que se identificava naturalmente com ela, escrita por um brasileiro para outros brasileiros (a obra é dedicada aos seus compatriotas, diz-nos Alencar) e para isso, o autor constrói um discurso realçando que sua obra “achará na terra de seu pai a intimidade e conchego da família” (ALENCAR, 1865, p. 2).

Alencar é cearense e ele se refere a sua obra como filha dessa terra. Essa identificação da obra à terra natal de seu autor produz efeitos de sentido neste discurso de Iracema. As relações pai/filho, Alencar/cearense, literatura/nacional corroboram no discurso de Iracema, o efeito de sentido natural, como se um estivesse ligado ao outro naturalmente. Para nós, o discurso de Iracema, articulado a sua identificação ao Ceará, evidenciava uma identidade nacional para esta literatura. Essa identidade nacional se escrevia nesta literatura (escritura), uma literatura nascida aqui. Realçar que Iracema era uma obra nascida no Brasil (Ceará) e que tratava do nascimento da povoação cearense/brasileira, isso já inscrevia o discurso de Alencar, que falava da posição sujeito-autor romântico, em uma memória colonialista, interpretada pela ideologia nacionalista. Esse discurso de origem, de ser da “terra”, de ter nascido no Brasil, reforçava o discurso da naturalização dos sentidos que fundamentava/propiciava a instituição de um discurso próprio, relativo a nossa língua/literatura.

A escrita metafórica desloca sentidos estabilizados, produzindo outras relações de sentidos, imprimindo outros efeitos de sentido. A escrita metafórica de Iracema já produz sentidos, já transfere sentidos, já desloca o funcionamento ideológico de uma língua portuguesa clássica (universal) para o funcionamento de uma língua nacional (singular). A deriva de sentidos. É o acontecimento (do significante) da língua no sujeito. É uma palavra por outra.

A terra natal a que Alencar se referia era o Ceará e seu livro, Iracema, surge como um discurso que ao narrar a fundação histórica desse povoado (do Ceará) o faz transferindo sentidos para a construção da identidade (e da unidade) nacional, relativamente à construção da unidade imaginária da língua nacional. Exaltar nossas origens² e as línguas indígenas fazia parte de um discurso (um processo discursivo) que se produzia em condições históricas e ideológicas específicas. Exaltar no discurso de Iracema, e no discurso romântico de forma geral, significava apagar as relações de sentidos estabelecidas entre os portugueses (os colonizadores) e os indígenas (colonizados), reflexo das relações de produção características de um processo de colonização do qual o Brasil fazia parte. Em nossas análises, não ficaremos na transparência desses efeitos de sentido, queremos, por outro lado, dar visibilidade à contradição, à disputa de sentidos que este discurso silenciava. Não se tratava apenas de enaltecer a terra natal, as origens, a vida selvagem dos autóctones brasileiros, mas sim de produzir sentidos, de evidenciar ideologicamente um sentido dominante em relação à construção de nossa identidade nacional. Se falamos em um sentido dominante, ora, este não se sobrepunha deliberadamente, mas nas relações de desigualdade, de subordinação, de contradição estabelecidas entre as ideologias, no espaço contraditório (polêmico) e heterogêneo das formações discursivas, que refletiam as formações ideológicas (de uma determinada época em uma dada formação social) no discurso. No recorte que segue, podemos notar como esse efeito

² Em Iracema, podemos ver como este discurso produzia sentidos, enaltecendo nossa origem, realçando nossas belezas naturais. Alencar materializava esses efeitos de sentido na escritura de Iracema. Um discurso sobre o Brasil que se constituiu sob o efeito de transparência de um Brasil original, natural.

de sentido de realçar o modo espontâneo e ingênuo de expressão da linguagem dos indígenas era evidente no discurso de Alencar (1865):

Mais tarde, discernindo melhor as cousas, lia as produções que se publicavam sobre o tema indígena; não realizavam elas a poesia nacional, tal como me aparecia no estudo da vida selvagem dos autóctones brasileiros. Muitas pecavam pelo abuso dos termos indígenas acumulados uns sobre outros, o que não só quebrava a harmonia da língua portuguesa, como perturbava a inteligência do texto. Outras eram primorosas no estilo e ricas de belas imagens; porém certa rudez ingênua de pensamento e expressão, que devia ser a linguagem dos indígenas, não se encontrava ali (ALENCAR, 1865, p. 95).

O livro tinha como referente – embora Alencar se encontrasse à época no Rio de Janeiro, conforme indicação na data da carta enviada ao Dr. Jaguaribe, à primeira edição de Iracema – a terra natal (o Ceará) de seu autor, como podíamos ler nesta passagem: “Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul, e depois vazado no coração cheio das recordações vivaces de uma imaginação virgem.” (ALENCAR, 1865, p. 1) Tratava-se de um livro que narrava e descrevia uma lenda da fundação do Ceará. Desse modo, o discurso de Iracema nos inscrevia nessa memória discursiva que construía nossa identidade, isto é, que nos dizia quem éramos, ao constituir-se em um discurso que realçava a nossa origem – um discurso lendário. Em Iracema, a fundação do Ceará era uma metáfora³ da fundação do Brasil. Por isso, é possível essa leitura que estamos realizando.

O discurso de Iracema, ao narrar uma lenda, a lenda do Ceará, produzia sentidos, isto é, efeitos de sentido determinados por uma memória discursiva que vinculava a língua nacional à oralidade, à espontaneidade, ligada aos seus falantes, os primeiros habitantes dessa terra. Essa oralidade é textualizada no discurso de Iracema como a inscrição do brasileiro na sua língua, isto é, o modo como ele se subjetivava na língua e na história pela ideologia. Daí a noção de escritura com a qual

³ A metáfora pensada em termos discursivos é produção de sentidos, transferência de sentidos, “uma palavra pela outra”.

estamos trabalhando ser fundamental para esta reflexão. Ao narrar a lenda do Ceará, o sujeito autor de Iracema estava nos inscrevendo em uma memória discursiva que nos individuava como sujeitos nacionais (da nação brasileira), identificados a este processo de memória nacional.

A leitura que estamos realizando de Iracema, neste trabalho, não consiste em encontrar a verdade ou a história verdadeira da formação/fundação do povo cearense/brasileiro, por meio da lenda que se contava nesta obra. Trata-se, ao invés disso, de compreendermos como uma memória atualizava-se ao se contar essa lenda, em Iracema. Isto é, estamos diante de uma materialidade discursiva e o nosso objetivo é o de compreender o modo de produção e os efeitos de sentido que esta materialidade formulava. Ao produzir este discurso, formulavam-se materialmente os sentidos, dava-se uma forma para os sentidos. É isso que constitui a historicidade dos sentidos, em análise de discurso. A materialidade do discurso estava ligada ao gesto de interpretação que o sujeito-autor deste discurso realizava, a partir da posição por ele ocupada, inscrito em certas formações discursivas e não outras, sendo, portanto, uma questão ideológica.

A terra natal (o Ceará) de Alencar não significava, para nós, nos limites dessa obra, mas sim em relação ao processo discursivo mais amplo do qual ela fazia parte. A nosso ver, terra natal tinha aí um sentido mais abrangente, pois ela tinha como referente a nação brasileira. É nesse sentido que entendemos que o discurso de Iracema participava do processo de construção da identidade dessa nação (a construção deste referente) que aparecia ligada ao natural, às belezas inerentes à natureza, ao povo que primeiro a habitou: “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba” (ALENCAR, 1865, p. 4).

A formulação “o livro é cearense” (ALENCAR, 1865, p. 1) já materializava o sentido de uma identidade brasileira à obra e, ao remetermos este discurso às suas condições de produção, podemos ampliar nossa compreensão, ao considerar, não somente a obra em si, mas a formação discursiva literária romântica, como sendo reflexo de formações ideológicas que disputavam o poder pela língua no Brasil.

A terra natal, em Iracema, estava ligada à beleza natural como característica inerente ao Brasil. Este (efeito de) sentido era o que também determinava a relação que o sujeito estabelecia com o local de seu nascimento, como forma de identificação e individuação do sujeito, em relação ao Estado. Mesmo hoje, indicar a nossa naturalidade⁴ é uma forma de identificação e individuação do sujeito nacional. Estamos querendo dizer com isso que, o sentido de natureza (o natural) migrava para o sentido de naturalidade (ser natural de algum lugar). É esse o funcionamento ideológico que vemos no discurso de Iracema. Natureza e “naturalidade” significavam a mesma coisa nesse discurso. A relação estabelecida entre o sujeito nacional e a natureza, no discurso de Iracema, era uma relação ligada pelo sentimento de orgulho ao local de nascimento, ao amor à terra natal.

Terra natal, no discurso de Iracema, tem como referente lugar tranquilo, calmo, simples, natural, efeito de sentido este que, como podemos ver, está ligado a uma memória discursiva, aquela que significava a relação entre o nativo e a terra que ele habitava, discurso praticado pelo colonizador, no século XVI, como podemos encontrar em muitos de seus relatos. Este sentido “natural” produzirá seus efeitos no discurso de Alencar, em Iracema, que vinculava a nação brasileira a este lugar paradisíaco, cheio de belezas naturais, ligando-nos a esta memória do sentido.

O livro Iracema, em seu prólogo à 1ª edição, como já dissemos, é referido por Alencar como cearense: “Para lá, pois, que é o berço seu, o envio” (ALENCAR, 1865, p. 2). Como se o discurso se identificasse naturalmente com o seu referente, ou melhor dizendo, nesse caso, como se o sentido de natural (a natureza) equivalesse ao sentido de naturalidade (terra natal/nascimento). Esse é o funcionamento (ideológico) que pode ser observado com o discurso de Iracema. Dessa forma, com este discurso, vemos a construção do processo de identificação do sujeito nacional. Ou seja, o discurso de Iracema dissimulava o processo de construção de identidade, que era histórico e ideológico, apresentando-se como um processo natural. Este

⁴ Referimo-nos aqui a documentos (e formulários diversos) que nos “identificam” de forma geral em que a nossa naturalidade é parte constitutiva dessa identificação, ou seja, aparece como fazendo parte de nós mesmos, efeito do que é idêntico.

discurso relacionava nossa naturalidade (nascimento/origem) à natureza de forma evidente. O fato de o Brasil ter sido descrito pelos portugueses, em seus relatos⁵, como florestas, belezas naturais, uma terra habitada por povos selvagens, isso (enquanto memória discursiva) nos vincularia, no discurso de Alencar, a essa naturalidade (no sentido de que nascemos nesse país, cujo estado natural/primitivo/original é inerente a ele mesmo).

Para além do enredo dessa obra, interessa-nos, sim, compreender, por meio de sua materialidade poética, a produção de efeito de sentido, relacionada à constituição da nação brasileira e da identidade do brasileiro, visto que em *Iracema*, temos um discurso (que é uma lenda) que narra a origem da terra natal (o Ceará), de José de Alencar.

O discurso de *Iracema*, em sua formulação (a forma narrativa de uma lenda), já produzia efeitos de sentido que reforçavam que devemos exaltar nossas origens, isto é, o sentido de origem era posto como o verdadeiro, o primeiro. A própria materialidade da narrativa já imprimia esse efeito de sentido de anterioridade, que nesse discurso realçava o sentido de originalidade, de naturalidade.

Não se tratava apenas de um enredo em que os antigos filhos cantavam a sua terra natal por meio de uma lenda. Alencar, ao escolher essa forma narrativa (a lenda), estava na verdade atualizando uma memória, reforçando sentidos, decidindo por certos sentidos e não outros em relação à construção da nação brasileira. Não era uma escolha voluntária, consciente, mas sim um gesto de interpretação de um sujeito, de uma posição determinada.

Temos em *Iracema*, a formulação/fundação de um discurso de uma literatura nacional/brasileira/própria. É o mesmo Alencar (1865) quem nos diz, referindo-se ao seu livro (*Iracema*): “Verá realizadas nele minhas idéias a respeito da literatura nacional; e achará aí poesia inteiramente brasileira, haurida na língua dos selvagens”. Esse discurso construía a identidade de uma língua nacional, tendo em vista que ele instituía o sentido de subjetividade, que é histórica e ideologicamente determinado, à

⁵ Sabemos que falar de relatos remete-nos a um arquivo textual complexo que compreende diversas instâncias de saber (NUNES, 1994, p. 46).

língua nacional. Na formulação deste discurso, em Iracema, vemos sentidos referentes à nossa origem (do povo brasileiro) se construírem sob a evidência ideológica de uma história transparente ou de um imaginário natural.

A leitura que se instaura com a produção de Iracema é determinada pela formação discursiva romântica, exterioridade específica desse discurso, constitutiva de sua interioridade. Portanto, é esta leitura romântica que se “cola” e se apresenta como natural a esta obra, efeito de sentido que se materializa e se evidencia em Iracema.

Desse modo, temos em Iracema um discurso que narrava o nascimento da terra natal de seu autor, por meio de uma lenda, contada por “seus antigos filhos”: “Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a Lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares” (ALENCAR, 1865, p. 3). Esse ponto será fundamental para nossa pesquisa que procurará desenvolver o conceito de narratividade tal qual está teorizado nos trabalhos de Orlandi (2017):

Propomos pensar a narratividade como a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando (seu “pertencimento”) sua existência a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas. Isto é narratividade enquanto processo e não como “gênero” como usualmente é definida. (ORLANDI, 2017, p. 106-107)

Ao se referir a sua obra Iracema, como a lenda do Ceará, subtítulo da obra, Alencar produzia sentidos relativos à origem, ao nascimento das terras brasileiras. No discurso desse autor, o “verdadeiro” sentido do Brasil deveria ser buscado na sua origem. Dessa forma, o discurso de Iracema produz sentidos com a narração dessa lenda, que assegurava a veracidade e a legitimidade da fonte, da origem, de onde tudo começou. Como se a lenda fosse uma explicação natural da origem do Brasil. Como se a lenda recuperasse o que os mais antigos falavam, os verdadeiros fundadores dessa terra. Pela lenda, evocava-se a oralidade, a naturalidade do dizer, efeitos de sentido constitutivos do discurso de Iracema.

Em Iracema, não se tratava apenas da narração de uma lenda, mas sim do modo como essa narração era feita – a forma material da prosa poética. Inscrito na ordem do discurso literário (a formação discursiva romântica), o sujeito-autor (literato) de Iracema, José de Alencar, individuava-se como um sujeito que se identificava com a posição de quem estava autorizado a interpretar o Brasil, a língua, a partir de uma memória discursiva, filiada a uma história cronológica transparente que refletia a dominação política do colonizador. Nessa lenda, podemos ver que falava de um sujeito perfeitamente entrelaçado à natureza, em seu estado natural, primitivo. É assim que vemos o brasileiro sendo individuado pelo discurso de Iracema.

Em relação à língua nacional, o discurso de Iracema⁶ falava de uma língua portuguesa que se moldasse (harmonizasse) o quanto possível ao dizer espontâneo e natural dos indígenas. Como se vê, o discurso romântico, particularmente falando o discurso de Iracema, explicitava a relação entre língua e ideologia que se materializava sob o efeito de uma língua espontânea, simples e singela – forma material individual dessa língua que chamamos, em nosso trabalho, de estilo (FRAGOSO, 2001). Não se tratava de afirmar que era uma nova língua, mas sim de um modo específico de se trabalhar a língua portuguesa, que era histórica e ideologicamente determinado, considerando a instituição de uma língua nacional (política linguística) em relação à construção de um Estado que devia encarnar a legitimidade nacional (ORLANDI, 2017, p. 187). É dessa forma que entendemos que a ideologia imprimia na língua efeitos de sentido que trabalhavam a sua materialidade (da língua). Aqui, estamos justamente descrendo/interpretando o funcionamento do discurso de Iracema em relação ao processo de construção de um estilo (próprio) da língua nacional: efeito de individualidade dessa língua, sua forma material singular. Em outras palavras, o discurso de Iracema é o acontecimento que explicitava a língua nacional que se constituía no batimento entre uma memória e uma atualidade, na tensão entre descrição e interpretação. Na citação que segue, Orlandi (2002) conclui:

⁶ Também fizeram parte de nossa análise o prólogo, as notas e uma carta dirigida ao Sr. Jaguaribe, da 1ª edição da obra Iracema.

Pela forma material, podemos trabalhar a inscrição do histórico na língua, o investimento do sentido na sintaxe, de modo a seguir o princípio segundo o qual a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua (ORLANDI, 2002, p. 23).

A liberdade de expressão que, no discurso de Iracema, aparecia como uma escolha por um estilo que levasse em conta as cenas de nossa terra e natureza, ou seja, a realidade particular brasileira, por meio de uma escrita flexível, com frases e pensamentos soltos, de nosso ponto de vista tratava-se de um trabalho com a língua, realizado pelo autor romântico (José de Alencar), da posição-sujeito de autor da língua nacional – aquele que estava autorizado a interpretá-la. Ou seja, falaremos, então, em efeito de sentido de uma língua que expressaria com força, a inspiração e a alma brasileira. Esta era a materialidade do efeito de sentido de (singularidade) uma língua nacional. Em outras palavras, essa singularidade nada tinha a ver com uma característica intrínseca a ela, ou com a essência desta língua, mas antes com o funcionamento de uma discursividade literária que produzia sentidos para uma língua própria, única que nos identificava naturalmente.

Esse expressivismo que era realçado no discurso romântico em geral e no discurso de Iracema em particular era a historicidade do sentido que estamos aqui descrevendo/interpretado neste texto. Ele explicitava um sujeito individuado pela formação discursiva romântica, que por sua vez refletia a formação ideológica capitalista constitutiva do modo de produção dominante da formação social brasileira e da construção do Estado-nação, na segunda metade do século XIX, historicamente marcada pela ascensão de uma burguesia (com seu discurso liberal). Portanto, esse expressivismo era histórica e ideologicamente determinado, não sendo uma mera expressão de sentimento e pensamento de um indivíduo livre; este, por sua vez, constituía-se pelo esquecimento e na ilusão de liberdade de expressão, forma-sujeito histórica característica do modo de produção capitalista.

Ao se referir à nacionalidade da literatura, Alencar defendia que o poema brasileiro deveria exprimir a naturalidade da vida dos indígenas por meio de uma

língua que traduzisse as ideias próprias desse povo, isto é, por meio de uma linguagem que expressasse a rudez ingênua do pensamento desse povo.

O gesto de interpretação explicitado por Alencar, em *Iracema*, evidenciava que a língua portuguesa, a língua do poeta brasileiro, devia representar as imagens e o pensamento indígenas por meio de termos e frases que ao leitor podiam parecer naturais na boca do selvagem, conforme recorte que analisaremos mais adiante, neste mesmo capítulo.

Assim, o que Alencar pretendia, se ficarmos na interpretação evidente de seu discurso, era uma língua portuguesa natural que representasse a espontaneidade de como os indígenas falavam. Para este autor, o poético seria esse expressivismo nacional, isto é, tratava-se de fazer uma poesia inteiramente brasileira em que nela aparecesse a ingenuidade e a rudez de pensamento e expressão dos indígenas. A poesia brasileira seria então essa expressão natural encontrada na linguagem dos indígenas. De nossa parte, e procurando compreender a posição discursiva de Alencar, temos a dizer que este autor estava expondo a língua portuguesa ao equívoco, abrindo a possibilidade de uma nova interpretação, transferindo sentidos. Esse expressivismo poético, de que falava Alencar, para nós, era o trabalho com a língua e devia ser compreendido na tensão entre a descrição e a interpretação (Pêcheux, 1990). Esse arranjo da língua, no discurso de Alencar, já era o efeito da inscrição da língua na história, portanto, não se tratava de um expressivismo natural do pensamento, pois Alencar, da posição da qual falava, estava praticando certas ideologias e não outras. Esse expressivismo era a materialidade do sentido da língua nacional, ou seja, era a historicidade desse sentido. É nessa direção que víamos deslocar sentidos para a língua nacional.

Ainda, de nossa perspectiva, não se tratava de traduzir o modo como o indígena pensava para o português, expressão poética natural que evidenciaria a nacionalidade de nossa literatura, mas sim da transferência de sentidos para a língua nacional, da produção de efeitos de sentido subjetivos para esta língua. Esse efeito de sentido da língua nacional era determinado historicamente, portanto tinha um caráter material.

Em outra sequência da carta, que Alencar (idem) destina ao Dr. Jaguaribe, ele vai explicar que, em relação à escrita de *Iracema*, foi realizada uma investigação laboriosa das belezas nativas, e uma análise paciente para descobrir a etimologia de algum vocábulo (ALENCAR, 1865, p. 82), entretanto o autor se questionava se todo este trabalho seria levado em conta pelos leitores, e ainda, se estes apreciariam em seu justo valor “a imagem ou pensamento com tanta fadiga esmerilhados” ou não os julgariam inferiores a qualquer das imagens em voga, usados na literatura moderna? (ALENCAR, idem). Para Alencar (idem), era este trabalho que conferia à sua obra ares de poesia brasileira, a “jóia da poesia nacional”. De nosso ponto de vista, era este trabalho, realizado por Alencar, que transferia sentidos para a língua nacional, em outras palavras, que ressignificava a língua portuguesa em termo nacional. Essa “verdadeira expressão” da língua indígena era o que produzia o efeito de sentido poético da língua nacional, enfim era a materialidade linguístico-histórica desta língua.

A materialidade significativa de *Iracema* era o acontecimento da língua nacional que, conforme já dissemos aqui neste trabalho, desorganizava esse lugar de uma unidade homogeneizante, imaginariamente construído para a língua nacional, ao romper com a ordem estabelecida, e instaurando a própria materialidade simbólica, logo o modo de significar a materialidade da língua nacional. A sobreposição de uma leitura romântica a esta materialidade significativa apagava a diversidade real e a possibilidade de se produzir outros sentidos para esta língua. Esta leitura romântica instituía sentidos (para nós, isso é o político), evidenciando-os como poéticos em um gesto de leitura em que intervinha a noção de estilo, a naturalização desta língua nacional.

O jogo sintático, a escolha por um vocábulo e não outro, o trabalho com a própria materialidade significativa na obra *Iracema* devem ser compreendidos em relação ao processo histórico de significação em que temos a construção da unidade (imaginária) da língua nacional e de seus efeitos materiais. Não se tratava simplesmente de uma sintaxe mais curta, espontânea, ou de recheiar a obra com termos e frases que pareciam ter saído da boca do selvagem naturalmente. Essa questão, para nós, é ideológica, já que em termos discursivos, a língua funciona em

relação à exterioridade (que é constitutiva dela), um enunciado montado de um jeito e não de outro, já produz sentidos, já é efeito de sentido que no caso em que estamos tratando da língua nacional se materializava com a discursividade de Iracema. Temos, então, com a materialidade discursiva de Iracema a instituição de uma língua nacional que produzia efeitos de sentido de uma língua naturalizada.

Em Alencar, a nacionalidade da literatura estava ligada à narrativa poética de uma lenda sobre a formação da povoação do Ceará, na qual a espontaneidade e a naturalidade do pensamento do indígena davam o colorido da poesia nacional. Entretanto, a nosso ver, essa narrativa poética não era somente, como aparentemente se mostrava, um gênero literário que expressava a naturalidade do pensamento do indígena, mas, sim, uma forma discursiva que já produzia sentido, isto é, que já tinha uma materialidade que significava em relação à língua nacional.

Os habitantes dessa terra, nesse discurso, apareciam ligados a ela, como sendo filhos legítimos dela. Como se existisse um vínculo natural entre eles, uma ligação inerente entre a terra e seus habitantes. Produzia-se, assim, sentidos de “laços familiares” com a terra. A terra onde nascemos nos identificava, definia quem éramos, além de nos marcar como seus filhos, como uma extensão sua. Já na dedicatória que introduzia sua obra Iracema, Alencar (1865) escrevia: “À Terra Natal. Um filho ausente”. Este efeito de sentido se materializava no discurso de Iracema.

O naturalismo nos identificava a nossa origem, a nossa terra natal, quando tomamos por referência o discurso de Iracema, em relação à nação brasileira, na segunda metade do século XIX. A identificação do brasileiro a sua origem o deslocava de uma identificação com outras formações discursivas nas quais ele se significaria diferente, em oposição a esta posição subjetivista (evidente) que a formação discursiva romântica constituía. É nesse sentido que podemos dizer que a identificação do sujeito nacional com a formação discursiva romântica se constituiu numa relação de contradição com outras formações discursivas. Desse modo, a formação discursiva romântica significava o brasileiro (o indígena) pela sua naturalidade e não pela diferença, pela diversidade que eles representavam de fato.

A nossa questão é sempre tentar mostrar que o sentido se constitui em relação a outros, em que jogam as diferentes formações discursivas que estão ligadas de forma contraditória pelo interdiscurso. Assim, como temos enfatizado o tempo todo neste trabalho, não falaremos em uma formação discursiva romântica brasileira única, fechada e homogênea, mas sim, de uma formação discursiva dividida, heterogênea em si mesma.

Nesse discurso, víamos que a terra significava como parte da família, e que éramos naturalmente filhos dela, ela era nossa pátria, nossa mãe, de onde vinha o sentido de “amor” à pátria, à nação (a nossa terra natal), efeito de sentido forte produzido pelo discurso de Iracema. O brasileiro era natural dessa terra. Este efeito de sentido que nos reportava a um Brasil original como sendo nossa terra natal (somos naturais dessa terra), é muito forte neste discurso de Iracema.

O autor romântico, a partir de um certo imaginário, constitutivo de sua posição discursiva, vai produzir sentidos determinados por este imaginário. É este imaginário que produzirá os efeitos de sentido para o Brasil, para a língua nacional e para o próprio sujeito (do discurso) da posição de autor desta língua.

Alencar (1865) dizia, ainda em seu prólogo da primeira edição de Iracema, que “quem não pode ilustrar a terra natal canta as lendas suas, sem metro, na rude toada de seus antigos filhos” (ALENCAR, 1865, p. 2). Nesta sequência, podemos ver que o autor de Iracema parte dos “antigos filhos” de sua terra natal em busca de suas lendas. Mais que isso, ele inscrevia o seu discurso nessa memória discursiva. Em outra passagem, em uma nota, Alencar (1865) vai nos dizer que “a tradição oral é uma fonte importante da História, e às vezes a mais pura e verdadeira” (ALENCAR, 1865, p. 74). De nossa perspectiva, podemos dizer que a tradição oral, em Iracema, produzia o efeito de sentido de origem, de começo, de verdadeiro, pois se os mais antigos diziam, então isso de fato se aproximava do “real”, do “natural”. Como podemos ver, no discurso de Alencar, em Iracema, o argumento histórico já se formulava a partir da formação discursiva (dominante) em que o autor se inscrevia. O argumento histórico, formulado em uma nota no final deste livro, produzia efeitos de sentido para este discurso: o da verdade histórica, que falava por si só.

Em Iracema, temos a construção de uma literatura nacional (saber linguístico) sob as bases da língua portuguesa. O processo discursivo romântico, do qual é em Iracema que estamos observando o funcionamento linguístico-histórico da língua nacional, colocava sentidos em confronto no interior de uma mesma formação discursiva, numa relação de dominância que refletia as formações ideológicas em permanente conflito na formação social do Brasil à época. O discurso de Iracema estabelecia relações de sentido entre as línguas indígenas e a língua portuguesa, relações estas que se materializavam em efeitos de sentido chamados de poéticos, em que vemos a história se inscrever na língua para se significar sob o efeito de uma nossa língua, com nossa identidade.

Dessa forma, a língua dos indígenas aparecia como efeito de sentido poético, produzindo a imagem do indígena. A língua dos indígenas era a memória discursiva que restabelecia os “implícitos” de que a leitura do texto de Iracema necessitava, ou seja, era a “condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). A língua dos indígenas atravessava a materialidade discursiva de Iracema enquanto efeito de sentido de uma língua natural, falada pelo povo selvagem. Como se vê, não era da língua dos indígenas que se falava no discurso de Iracema, mas sim de seu imaginário natural. Esse naturalismo se sobrepunha à ordem própria da língua, a sua materialidade significante. O discurso de Iracema apagava a língua dos indígenas ao realçar esse expressivismo/naturalismo, efeito de uma memória discursiva que não incluía o indígena na história, mas sim a sua natureza simples e espontânea como a identidade do brasileiro. Entretanto, essa identidade era histórica e ideologicamente determinada. Qual a memória de línguas indígenas que se constituiu e se institucionalizou no Brasil até o século XIX? E qual a memória que se institucionalizava para essas línguas com o discurso romântico (de Iracema)?

Essa memória era o Outro que se inscrevia no discurso de Iracema como o que foi apagado e que retornava como o inevitável, o real, a contradição que eram constitutivos deste discurso. Essa memória latente se apresentava como evidente, como sendo o ‘real’ mesmo que era referido no dizer do sujeito do discurso.

Ao se significar como poético (a prosa poética) ou literário, a materialidade do sentido da língua nacional era apagada, no/pelo discurso de Iracema. Apagamento este que, certamente, não era indiferente à prática social (e discursiva) da instituição literária que negava o gesto da interpretação no momento em que ele se dava. Na verdade, o discurso de Iracema evidenciava esse poético – materialidade do sentido da língua nacional que estamos analisando neste artigo. O discurso de Iracema organizava (estabelecia) a forma como o sujeito se relacionava com a língua escrita, instaurando uma escritura literária, saber linguístico que materializava as relações de poder (a unidade do Estado) e que refletia as ideologias da classe dominante, divisão que vemos ser reproduzida e reforçada pela formação discursiva romântica. O funcionamento do discurso romântico em Iracema realçava a naturalidade, a espontaneidade do modo do indígena se expressar, o que, em nossa forma de compreender este discurso, constituía o artístico/poético. Não era a (s) língua (s) falada (s) pelos indígenas que estava (m) em jogo nesse discurso.

Em Iracema, José de Alencar praticava, discursivamente falando, uma língua que, articulada aos efeitos de sentidos poéticos deixava ver uma formulação própria – uma escritura, que era a materialização de uma interpretação dessa língua outra (a língua nacional). Este era o acontecimento da língua nacional. A prática discursiva literária romântica instituía uma discursividade literária que trabalhava a língua portuguesa, desestabilizando sentidos, historicamente determinados e abrindo (fissuras, pontos de deriva) esta língua para uma outra interpretação. Falando da posição de autor da língua, os românticos (no caso, Alencar), filiados a redes de memória específicas, interpretavam essa língua e instituía um estilo próprio (histórica e ideologicamente determinado) à língua nacional. É assim que entendemos a produção literária romântica, enquanto uma prática discursiva e social da língua nacional, isto é, enquanto uma escritura que interpretava essa língua. Esta interpretação e seus efeitos estão inscritos nessa escritura.

A materialidade linguístico-histórica do discurso de Iracema, que sob a evidência do sentido poético, instituía a referência para a literatura nacional ao romper com uma língua portuguesa clássica. Esta materialidade evidenciava um discurso que

colocava em funcionamento uma língua natural, ingênua, rude, tal qual a língua dos indígenas. Esse era o efeito de sentido da língua nacional que verificamos na análise do discurso de Iracema. O discurso de Iracema se constituiu sob o imaginário de uma língua que “expressasse o pensamento” do indígena, com a simplicidade e a naturalidade própria da vida selvagem. É o que podemos ler na sequência abaixo, conforme as palavras do próprio Alencar (1865, p. 81):

Sem dúvida que o poeta brasileiro tem de traduzir em sua língua as idéias, embora rudes e grosseiras, dos índios; mas nessa tradução está a grande dificuldade; é preciso que a língua civilizada se molde quanto possa à singeleza primitiva da língua bárbara; e não represente as imagens e pensamentos indígenas senão por termos e frases que ao leitor pareçam naturais na boca do selvagem (ALENCAR, 1865, p. 81).

O processo discursivo romântico, do qual Iracema fazia parte, e a produção de sentidos de uma literatura nacional (escritura) e de uma língua (escrita), sob a qual se erigisse tal discursividade literária – a materialidade da singularidade de nossa língua – articulavam-se ao processo histórico da formação social brasileira, da segunda metade do século XIX.

Ainda segundo Alencar (1865), Iracema realizou uma literatura nacional, visto que esta obra ao tratar de assuntos relacionados à tradição indígena o faz numa linguagem que “traduzia”/“expressava” o pensamento natural dos indígenas. Para este autor, a opção por uma prosa poética se deveu por esta, a prosa, adequar-se melhor ao propósito de “expressar” o que o indígena pensa, do que o faria uma escrita na forma de versos, que de acordo com Alencar (idem), continuaria a “traduzir” o pensamento do indígena em uma linguagem clássica do homem civilizado. A prosa, dessa forma, representou a inscrição da história na língua portuguesa, isto é, a inscrição da nação e de sua memória na língua.

Não era uma opção por esta ou aquela forma de discurso que estava em jogo. De nossa perspectiva, tratava-se antes de formações discursivas distintas, mas que se relacionavam contraditoriamente, que determinavam o que podia ou não ser dito e como isso era feito.

De nossa parte, entendemos que a “escolha” pela prosa (poética) já inscrevia este autor em uma rede de filiações históricas, em uma memória que se atualizava nesse discurso. Em Iracema, dizia-nos Alencar, tínhamos um discurso cantado de forma natural, sem metro, espontânea, livre como o faria os antigos filhos dessa terra que cantariam suas lendas numa rude toada, própria à oralidade, à narrativa de uma lenda. Ao referir-se à tradição oral, Alencar estava, na verdade, produzindo efeitos de sentido para o seu discurso. Efeitos de sentido estes que ao recortar uma certa memória do dizer, a nosso ver, o discurso do colonizador, acabava por significar o brasileiro, a língua e a literatura pela evidência de uma identidade inerente, quando se tratava, em nosso entendimento, de uma interpretação que já nos havia sido dada e que, portanto, continuava nos significando nesse discurso do colonizador, que era reforçado pelo discurso do nacionalismo, ideologia dominante, presente/ausente no funcionamento do discurso deste autor, inscrito na formação discursiva romântica.

Conclusão

Em Iracema, portanto, temos a construção de um discurso da literatura nacional sob a evidência de um sentido natural inerente à própria língua nacional. Desse modo, Alencar construía em seu discurso literário romântico (em sua discursividade literária romântica), em Iracema, um discurso sobre a literatura nacional, da posição em que ele se inscrevia enquanto sujeito-autor da língua nacional e de sua literatura (escritura).

Não podemos ficar na evidência de que a identificação do brasileiro a sua nação e ao modo como ela se formou seja natural, como apresentada no discurso de Iracema, em seu enredo. Por outro lado, esse discurso nacionalista, como temos visto, era efeito de sentido, não sendo, portanto, um sentimento intrínseco ao brasileiro. O efeito de sentido nacionalista (que, para nós, era histórico e ideológico) era parte constitutiva do discurso de Iracema (e do discurso romântico, em geral) e da produção dos sentidos que se materializavam linguística e historicamente neste discurso. É dessa forma que entendemos que o brasileiro se individuava nessa relação de identificação com as suas origens, com a sua terra natal (no caso, a nação brasileira),

neste discurso de Iracema. O brasileiro identificava-se com estes sentidos e não outros, ou seja, ele era constituído por certas ideologias e não outras, como podemos ler em Iracema e em outras obras românticas brasileiras.

Referências Bibliográficas

ACHARD, Pierre ... [et. Al.]. *Papel da memória*. Trad. e introdução José Horta Nunes, Campinas: Pontes, 1999.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Ministério da Cultura – Fundação Biblioteca Nacional – departamento Nacional do Livro. [online] Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/iracema.pdf. Acesso em: 24 set. 2017.

FRAGOSO, É. A. *A Relação entre Língua (Escrita) e Literatura (Escritura) na Perspectiva da História da Língua no Brasil*. Dissertação de Mestrado, IEL, Unicamp, 2001.

GADET, F. e PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: O discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto alegre, Editora Artes Médicas, 1987.

NUNES, J. H. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

ORLANDI, Eni. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. (Org.) *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes Editores, 1998.

_____. A análise de discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, (42): 21-40, jan./jun. 2002.

_____. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristine. *Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital* [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

_____. *Eu, tu, ele – discurso e real da história*. Campinas: Pontes Editores, 2017.



PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Trad. e introdução José Horta Nunes, Campinas: Pontes, 1999.